



# I SEMINÁRIO INTERNACIONAL E II SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE PESQUISAS COM CRIANÇAS E SUAS INFÂNCIAS EM TERRITÓRIOS DAS ÁGUAS

## **Cinema, discurso e processos de subjetivação: as infâncias em Tainá<sup>1</sup>**

*Deisiane Aviz Nascimento*<sup>2</sup> (Universidade Federal do Pará - UFPA – [deisi.aviz@gmail.com](mailto:deisi.aviz@gmail.com))

*Sandra Nazaré Dias Bastos*<sup>3</sup> (Faculdade de Ciências Biológicas – IECOS-UFPA). E-mail: [sbastos@ufpa.br](mailto:sbastos@ufpa.br)

Os filmes da trilogia Tainá se constituem como um grande sucesso para o cinema brasileiro e, mesmo sendo voltados para o infanto-juvenil, conseguiram conquistar o público adulto, inclusive ganhando espaço em instituições escolares como recurso pedagógico. Os enredos fascinam pela exposição do espaço amazônico destacando a exuberância e a beleza da paisagem com longas tomadas da floresta e dos rios. Além disso, não economizam com cenas que exploram o carisma dos personagens mirins.

As narrativas mostram as aventuras de uma menina indígena que luta para salvar a floresta Amazônica; proporcionando a discussão de temas como biopirataria, exploração de recursos naturais, desmatamento, tráfico de animais silvestres e biotecnologia. Entretanto, análises críticas e reflexivas dos filmes nos permitem problematizar assuntos que transcendem as questões de abordagens socioambientais.

É pertinente ressaltar que esses filmes põem em circulação um campo rico de informações, representações e significações sobre infâncias, diante disso, é pertinente perguntar: Como as infâncias no ambiente amazônico são representadas? Fischer (2002) fundamentada nas ideias de Michel Foucault defende que a mídia através da disseminação de discursos e representações atua como um dispositivo pedagógico que opera na constituição de sujeitos e subjetividades, moldando valores e ensinando formas de viver e agir em sociedade.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Eixo temático Linguagens e saberes das Infâncias Amazônicas, I Seminário Internacional e II Seminário Nacional sobre Pesquisas com Crianças e suas Infâncias em Territórios das Águas

<sup>2</sup>(Licenciada em Pedagogia (UFPA/Campus de Bragança-PA) e Mestra em Linguagens e Saberes na Amazônia (PPLSA/UFPA/Campus de Bragança-PA, Brasil). E-mail: [deisi.aviz@gmail.com](mailto:deisi.aviz@gmail.com))

<sup>3</sup>(Doutora em Educação em Ciências e Matemáticas. Professora da Faculdade de Ciências Biológicas (IECOS-UFPA). Docente do Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia (PPLSA), Campus Universitário de Bragança. E-mail: [sbastos@ufpa.br](mailto:sbastos@ufpa.br))



# I SEMINÁRIO INTERNACIONAL E II SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE PESQUISAS COM CRIANÇAS E SUAS INFÂNCIAS EM TERRITÓRIOS DAS ÁGUAS

O presente trabalho apresenta um recorte da pesquisa Discurso, Cinema, Meio Ambiente e a produção da Infância Amazônica, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia, UFPA, que tem como objetivo principal discutir as representações que os filmes da trilogia Tainá colocam em circulação sobre o território amazônico e as infâncias amazônicas. Nesse texto buscamos descrever e analisar como as infâncias no ambiente amazônico são representadas.

Tomamos como corpus empírico os filmes: Tainá – Uma Aventura na Amazônia (2000), Tainá 2 – A aventura continua (2004) e Tainá – A origem (2013), adotando como estratégia metodológica de análise a etnografia de tela, utilizando um caderno de campo para descrever as percepções e registros de informações, bem como o mapeamento e a descrição das cenas (BALESTRIN; SOARES, 2014). As ações metodológicas seguiram as seguintes etapas: 1. Assistir aos filmes: primeiramente de forma espontânea e depois com um olhar mais minucioso; 2. Construção e Organização dos dados: cada filme foi “desmontado” no sentido de mapeamento de conjuntos discursivos e 3. Análise dos dados: a partir das ferramentas teóricas que nos ajudaram a compor a ideia de que há produção/fabricação de subjetividades a partir de práticas discursivas que são determinadas por relações de poder.

Os filmes nos mostram a reprodução de dois tipos de infâncias, uma vivida por crianças nativas e outra, pelas crianças da cidade. Os enredos são parecidos; uma criança “branca” vinda da capital se perde na floresta e recebe ajuda de Tainá – uma criança nativa que vive na floresta amazônica – para encontrar seus pais.

A infância indígena é mostrada como uma fase de transmissão de conhecimentos e repasse das histórias dos antepassados, uma etapa que dará sequência a vida adulta. As crianças desde cedo são ensinadas sobre os sentidos das “coisas”, a existência da floresta, dos animais, dos rios etc. e esses conhecimentos são repassados no dia a dia, por meio de experiências. Aprendem a viver na floresta e a retirar dela somente os recursos necessários para garantia da sobrevivência, sem deixar de ser criança, transformando o próprio ambiente natural em um cenário para brincadeiras e diversões. Vivem em perfeita “harmonia” entre si e com a natureza. Elas correm, tomam banho de rio, sobem em árvores mostrando a perfeita interação que há entre elas e a natureza.

É importante enfatizar que os filmes trazem retratos estereotipados da criança nativa, que aparece com características físicas bem definidas: pele escura, olhos puxados, cabelos lisos



## I SEMINÁRIO INTERNACIONAL E II SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE PESQUISAS COM CRIANÇAS E SUAS INFÂNCIAS EM TERRITÓRIOS DAS ÁGUAS

e negros etc. e vestimentas ‘tradicionais, própria de índios não civilizados’: tanga, cocar, flecha, arco. Além disso, silenciam as diversidades de infâncias existente no contexto amazônico, diferente do que é apresentado existem outras populações tradicionais como quebradeiras de coco babaçu, ribeirinhos, pescadores artesanais etc., com especificidades de vivências, culturas e modos de interagir com o ambiente. Inclusive, as próprias populações indígenas são distintas, nem todas compactuam dos mesmos comportamentos, ritos e tradições.

Identificamos também a infância da criança “branca”; apresentada como oposta à dos indígenas, revelando a existência de concepções sobre diferenças identitárias e ideias sobre “normal” e “diferente”. As diferenças se iniciam pelas características físicas. Elas têm pele branca, olhos e cabelos claros, falam o português corretamente, dominam a tecnologia e não se identificam em nada com a “vida na floresta”.

Além das diferenças físicas, a trilogia designa as crianças com personalidades diferentes, enquanto Tainá é amável, serena, mas ao mesmo tempo, tem temperamento forte e destemida. Enquanto as crianças brancas são mostradas como estressadas, individualistas, teimosas, medrosas e até mesmo inconsequentes. Desse modo as crianças são apresentadas em uma perspectiva de mundo e culturas distintas, transmitindo uma ideia de encontro (nunca choque) de culturas. E nesse encontro Tainá é exibida como uma nativa “selvagem” e intocada pela “civilização”, que não tem acesso a escola, não conhece produtos industrializados, muito menos ambientes urbanizados etc.

Para Gregolin (2007) a reprodução de imagens desenvolvida pelos aparatos midiáticos desencadeia a generalização dos sujeitos e de suas identidades. Afirma que a divulgação de imagens atua como uma espécie de dispositivo de “etiquetagem”. Nesse sentido, a forma como os filmes retratam as infâncias induz percebê-la de maneira generalizada e associada a rótulos, isto é, a criança nativa que vive em contato direto com a natureza tendo uma existência despojada de confortos e uma vida simples, enquanto as crianças da cidade são modernas e dependentes de tecnologias informacionais.

Essas representações nos permitem idealizar a criança indígena com essas características e concebê-las como espelho da criança amazônica. De acordo Wortmann (2007) as representações produzidas pelas instâncias culturais como o cinema, instituem e colocam em circulação significados sobre a natureza e seus habitantes, os quais são vinculados a várias questões e histórias. Segundo a autora, a literaturas infanto-juvenil dispõem de efeitos



## I SEMINÁRIO INTERNACIONAL E II SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE PESQUISAS COM CRIANÇAS E SUAS INFÂNCIAS EM TERRITÓRIOS DAS ÁGUAS

educativos, que propõem ensinamentos que se enquadram como representações, quanto de compreensão e conhecimento. Os significados e suas realidades são construídos pelos sistemas representacionais.


À vista disso, Hall (1997) nos convida a questionar as verdades propostas nas representações, pois acredita que essas reproduções resultam em um processo de naturalização e ganham estatuto de verdades, através de discursos.

Sob essas acepções, os discursos reproduzidos nos filmes de Tainá retratam a infância indígena como homogênea. Entretanto, o contexto amazônico é constituído por uma riqueza de diversidades culturais e ambientais. O território amazônico não é composto só de floresta e habitado exclusivamente por nativos, existem outras populações tradicionais e cada povo têm suas especificidades.

Amorim e Cruz (2018) compreendem a criança nativa como um universo múltiplo, onde seu desenvolvimento é mediado pela comunidade em que habitam. Defendendo que para estudar a criança é necessário adentrar no mundo em que ela vive, para que seja possível compreender o contexto sociocultural em que está inserida.

Dessa maneira, a criança que está imersa em determinado contexto e envolvida por uma realidade irá compor um tipo de infância associada aos elementos culturais e locais. Nesse viés, Alves (2014) argumenta que nos ambientes amazônicos encontramos vários tipos de infâncias, consequência da diversidade sociocultural desse território. Para esta pesquisadora, “as crianças amazônicas, em particular, vivem em um meio social carregado de significados, ideologias, histórias, e em uma cultura muito singular” (ALVES, 2007, p. 140).

É, no mínimo, problemático tomarmos Tainá como espelho para referenciar crianças amazônicas, pois isso empobrece e esconde a pluralidade composta por uma variedade infinita de infâncias. Nesse sentido, quem desconhece o contexto amazônico constrói uma idealização da criança nativa associada a personagem de Tainá; e ao se deparar com uma realidade divergente, manifesta-se o “estranhamento” ou “surpresa”. À vista disso, Skliar (2003, p. 153) nos fala que normalidade são criações elaboradas, (re)conhecidas, compreendidas e institucionalizadas em termos do que se poderia definir o outro de diferente, uma “alteridade anormal”. A “normalidade que inventa a si mesma para, logo, massacrar, encarcerar e domesticar todo o outro”. Para Silva (2007, p. 82) “a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir”.



# I SEMINÁRIO INTERNACIONAL E II SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE PESQUISAS COM CRIANÇAS E SUAS INFÂNCIAS EM TERRITÓRIOS DAS ÁGUAS

Desse modo, concluímos que a trilogia Tainá nos apresenta um universo de informações e representações sobre infância. Problematizá-las nos ajuda no desenvolvimento de mais olhares críticos e reflexivos no sentido de promover outras formas de ver e compreender sobre infância e com isso superar modos únicos e prontos de perceber e compreender “verdades”.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Laura Maria Silva Araújo. A constituição do discurso narrativo polifônico da criança: traços da mitopoética amazônica. In: ALVES, Laura Maria Silva Araújo. (Org.). **Educação Infantil e estudos da infância na Amazônia**. Belém: EDUFPA, 2007, p. 133-167.

ALVES, Laura Maria Silva Araújo. A infância em construção: as fontes de investigação. In: ARAÚJO, Sônia Maria da Silva; ALVES, Laura Maria Silva Araújo; BERTOLO, Sônia de Jesus Nunes. (Org.). **Pesquisa e educação na Amazônia: reflexões epistemológicas e políticas**. Belém: EDUEPA, 2014, p. 35-52.

AMORIM, Lena Cláudia dos Santos; CRUZ, Marcos Murrelle Azevedo. Crianças indígenas e os saberes de infância entre os Tenetehara. **Nova Revista Amazônia: Infâncias na Amazônia**, v. 06, n. 3, setembro 2018, p.35-54.

BALESTRIN, Patrícia Abel; SOARES, Rosângela. “Etnografia de Tela”: uma aposta metodológica. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlycy Alves (Org.). **Metodologias de Pesquisas Pós-críticas em Educação**. 2. Ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014. P. 89-111.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, jan./jun. 2002. P. 151-162.

GREGOLIN, Maria do Rosário V. Discurso, história e identidade na mídia. In: FONSECA- SILVA, M. C.; POSSENTI, S. (Org.). **Mídia e Redes de Memória**. Vitória da Conquista: UESB, 2007.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Revista Educação e Realidade**, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez, 1997.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathrin. **Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 73 - 102

SKLIAR, Carlos. **Pedagogia (improvável) da diferença**: e se o outro não estivesse aí? Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. A natureza e a literatura infanto-juvenil. In: WORTMANN, Maria Lúcia Castagna, et. al. **Ensaio em estudos culturais, educação e ciência; A produção cultural do corpo, da natureza, da ciência e da tecnologia: instâncias e práticas contemporâneas**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.